

e exala uma flor do ânus que mata todas as freiras, ou as desgraças intestinais do Joaquim Sacristão), no “Coreto” só para citar dois exemplos do seu sarcasmo inofensivo. Neste seu último romance, torna-se também um narrador autocrítico nas notas de roda pé: criador de metáforas pirosas (ex. a bailarina da Gulbenkian ou os dentes do ratinho do Disney), entre outros mimos... Um sarcasmo sadio e ironia associam-se especialmente quando se trata de cenas com figuras eclesásticas ou ligadas à Igreja, na Ilha que Álvaro tão bem conhece.

O CAPÍTULO III narra a estreia e a vivência do P.e Raul na sua primeira Paróquia, Manadas. O sacristão e a Menina Francisquinha compõem o quotidiano miserável de 700 almas enclavinadas pelas rochas, face ao mar. Cada um com as suas atribuições que garantem o brilho dos atos litúrgicos, onde “se não fossem os nevoeiros, mais os ventos ciclónicos e as chuvas da praxe, bem se poderia dizer que era um lugar paradisíaco”¹⁰³.

O senhor Guarda, seu consultor e companheiro dos dias de folga, é mais um contributo para a amálgama do trivial com o sobrenatural, com a santidade: na pesca, nas conversas e nos silêncios, no jogo e na merenda de pão fresco com queijo da ilha e regavam tudo com vinho de cheiro. Depois, bebiam um cafezinho também de produção local e uma aguardente made in adega do senhor Guarda (sic) [que não vem em itálico pelo que Álvaro sugere maliciosamente, como costuma, que já é nosso] com efeitos terapêuticos: aliviava dores de dentes, de barriga e resfriados; maltratava silêncios sem referência ou sem motivo; resolvia azares financeiros e pragas de burra peideira; curava amores com mau-olhado; secava borbulhas adolescentes e cornos imprevisíveis”¹⁰⁴.

A graça não está na enumeração caótica até ao absurdo. Estará antes no exagero dos poderes de tal aguardente que, por diversos processos, curava tão variados males.

Por tudo o que ficou dito, a densidade humana das duas narrativas que se vão cruzando, a crueza da vida nas franjas de um Portugal recôndito, o bom sarcasmo que perdura desde obras anteriores, a crítica fundamentada na vanidade de crenças desumanas, estou com o Prof. Assis Brasil quando considera

¹⁰³ Idem, p. 93

esta a obra-prima de Álvaro Oliveira e a ele, um dos mais importantes escritores da língua comum de toda a lusitanidade [contracapa], num grande romance sobre a solidão.

1. REFERÊNCIAS

- Oliveira, Álvaro, *Contos com desconto*, IAC, 1991
 -----, *Com perfume e com veneno*, Lisboa, Salamandra, 1997
 -----, *Murmúrios com vinho de missa*, Ponta Delgada, Letras Lavadas, 2013

15. LUCIANO PEREIRA, PROFESSOR COORDENADOR, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL, LUCIANO.PEREIRA@ESE.IPS.PT,

TEMA 1.3. “A ROSA NÃO TEM PORQUÊ.” HOMENAGEM A UMA POETISA VULCÂNICA. LUCIANO PEREIRA, PROFESSOR COORDENADOR, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL

1. BIBLIOGRAFIA

Maria Eduarda Faria da Rosa é a filha mais nova de uma fratria de quatro irmãos, três irmãos e uma irmã, filhos de José Garcia da Rosa e de Maria Lourenço Faria. Nasceu no Areeiro – Capelo, na Ilha do Faial – Açores a 29 de setembro de 1947.

Dos dez aos vinte anos, viveu na Horta onde desenvolveu as suas atividades escolares no colégio de Santo António, no Magistério Primário e no Liceu. Em 1968, rumou ao continente onde frequentou o curso de Filologia Românica na Faculdade de Letras de Lisboa, assim como um mestrado em Literatura Comparada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova.

Foi professora de Línguas Portuguesa e Francesa, profissão que exerceu em Lisboa e em Wiesbaden na Alemanha. Em 1976/1977, lecionou na Escola Preparatória Manique Intendente Em 1977/1978, na Escola Secundária em Rio

¹⁰⁴ Idem, p. 98

Maior. Em 1978/1979, na Escola Preparatória Barbosa do Bocage em Setúbal. Em 1979/1980, na Escola Preparatória de Caldas da Rainha, ano durante o qual também viveu os ternos mistérios da maternidade, quis o destino que viesse a ser mãe de uma menina.

De 1980 a 1987, foi professora na Escola Preparatória de Beja e na C+S, Santiago Maior, chegando até a lecionar Literatura Infantil no Magistério da mesma cidade onde virá, a partir de 2000, a desenvolver uma atividade editorial com José Francisco Pereira, de seu pseudónimo Al-Zei. De 1987 a 1999, lecionará na Escola Preparatória Luísa Todí em Setúbal. Em 1999 desloca-se durante uma semana à Ilha de São Jorge, para festejar o 25º aniversário do 25 de abril, a convite da Escola Secundária das Velas. Aí, realiza uma exposição de pintura e uma sessão de leitura do seu livro “A guardadora de tesouros e a vara-de-ouro” (1998).

Não resistiu ao apelo das Ilhas e das raízes e regressa nesse ano ao arquipélago para lecionar na Escola Básica 2+3 da Horta. Por várias vezes fez, em público, questão de afirmar que vivia para aprender o Amor, a Beleza e a Liberdade (Os trabalhos de Psique, 1994).

Cidadã empenhada na ternura e no amor pela natureza e pela terra, pessoa que nunca se acomodou e tantas vezes incomodou pela sua coragem, pelo seu talento e pelo seu bom gosto. Professora, amada e estimada por alunos, por colegas e amigos a quem dedica as suas obras que oferece generosamente com delicadas e ternurentas dedicatórias.

Mulher de uma sólida cultura clássica, e possuidora de uma rara sensibilidade estética, não deixa de se enternecer pela simplicidade da cultura e da sabedoria popular como está bem patente em algumas quadras e alguns versos incluídos na sua obra *A guardadora do tesouro e a vara-de-ouro*:

*“Vai-te embora papão negro,
Deixa a baga do loureiro,
Deixa dormir o menino,
O seu soninho primeiro...” (1998: 15)*

*“Josezito
Já te tenho dito
Que não é bonito
Andares-me a enganar
Chora agora Josezito
Chora que me vou embora
Para não voltar...” (1998: 17)*

*“Os cavalos a correr
As meninas a aprender
Qual será a mais bonita
Que se deve esconder” (1998: 24)*

*“Como é linda a minha terra
Ao despertar a alvorada
Canta o pastor sobre a serra
O hino da madrugada...” (1998: 28)*

*“Quem adora o impossível
Que esperança pode ter?
Vive numa saudade
Goza pena até morrer.” (1998: 35)*

Na sua escrita convivem as mais virulentas erupções eróticas com a expressão do mais profundo misticismo ilhéu e logo profundamente português. A autora convoca tanto Virgílio, Apuleio, Luciano, como mergulha na contemplação do divino Espírito Santo, de um Criador feito menino, anunciando a salvação. A sua escrita vivida evoca Luís de Camões, Fernando Pessoa, e o excelso Professor Agostinho da Silva.

Natália Correia não poderia deixar de estar presente, mais inesperada será a voz de um Angelus Silesius, ao afirmar a inconsistência da procriação em relação ao radical conceito da geração: **“A rosa é sem porquê, assim como a o supremo valor ascético do isolamento e da solidão: “Die Einsamkeit ist Not, doch sei nur nicht gemein, / So kannst du überall in einer Wusten sein ” (A solidão é sofrimento mas se não te isolares / Poderás estar em toda parte num deserto.)¹⁰⁵**

2. OS TRABALHOS DE PSIQUE (1994?)

A autora dispôs dezasseis pérolas poéticas e a reprodução de alguns dos seus trabalhos plásticos, com recurso a diversas técnicas. Estamos perante uma glorificação das imagens enquanto linguagem da alma, um hino à Beleza¹⁰⁶. O primeiro funde imagem e texto. Evoca-se a escrita musical, as formas abstratas, as cores, de fogo e de terra: “Do vulcão sai a rosa”.

O segundo é uma linda “canção dedicada a uma cotovia” que a autora descobrira num borrão antigo:

*“Cotovia, cotovia,
Estavas lá e eu não te via.*

*Dentro de mim escondida
Cantava ao anoitecer
Uma cotovia ferida:
Cantava até morrer.*

*Longas noites eu perdi
A tentar ouvir seu canto,
Abraçada ao meu manto
Gotas amargas verti.*

*Um dia sem esperar,
Encontrei-a num borrão
Auscultar-lhe a pulsação
Tinha brilho no olhar.”*

Todos os outros poemas, excluindo Aljôvar, são sonetos de grande virtuosismo, engenho e arte, na maior parte em verso decassílabo, considerado pelos clássicos o mais belo e grave. As distribuições rimáticas variam tal como variam os temas, embora de uma extrema coesão. O amor é uma expressão do prazer e da dor, dos sonhos e dos medos, da irrupção da libido e do voo do espírito, da esperança, do desejo e do Desejado. A terra, a água, o fogo e o ar rodopiam num processo de criação quase xamânico. Pressente-se a ilha em cada poema, em cada verso, em cada letra. O vulcão sai das entranhas da terra e das entranhas do ser. Intenso, o cheiro a maresia inunda cada página. No mar alto, turbilhões engolem os navios em sobressalto. Brilha o basalto, o enxofre e o magnete até à explosão.

Reverbera “a palavra precisa”. Inicia-se o jogo do amor, com esperança apesar do perigo:

“(…) O jogador avança com vigor/ Temendo o perigo do exagero./ A jogadora joga com pudor/ Aqueles dados que tem ao dispor/ E a esperança relança o seu tempero. (VIII. Esperança e perigo no jogo do amor)

O jogo do amor é o jogo da palavra. A palavra reinventa-se para expressar o desespero, o abandono e as lágrimas de sofrimento e de paixão:

*“III. DESESPERO
Sinto-me morrer: não há alimento.
O meu corpo está por amor sedento.
Tudo à volta é aborrecimento.
Respiro a rigor, falo com o vento.*

¹⁰⁵ Rosa, Maria Eduarda Faria da (1994?) – Os trabalhos de Psique

¹⁰⁶ Este amor pela imagem convoca expoentes universais sem nunca os citar. Lembremos apenas Baudelaire: “J’ai pétri de la boue et j’en ai fait de l’or : Glorifier le culte des images (ma grande, mon

unique, ma primitive passion.)” (1968: 638) Em 1960, René Hyghe, teve a coragem de afirmar que, de facto, só a arte podia ser a linguagem da alma: “Aussi est-il temps de poser la question de l’art e de l’âme, de l’art langage de l’âme.” (p.5).

*Não aguento mais este grão tormento.
Quem me ouve e vem dar um certo alento?
Nesta esquina há apenas lamento.
E eu a precisar de contentamento.
(...)”*

“IV. ABANDONO

*(...)
As assas ergue sem nenhuns ruídos
Esse deus dos mais subtis e sabidos
De todos talvez o mais sedutor.*

*Psique agarra-lhe um pé e envolvidos
Vão os dois pelos ares esbaforidos.
Ela em terra cai. Voa o condor.”*

“V. ALJÔFAR

*(...)
Lágrimas pérolas crescem
Do orvalho da mulher
Refresque-se quem souber
Que as dores também florescem.*

*Fonte jorrando amor
Em que a sede se esquece!
Manta fofa que me aquece
Dando alento, são vigor.”*

“XI. SECARAM AS LÁGRIMAS

*Secaram as lágrimas que correram,
Todo o outono. Gordas, silenciosas,
Cavalgando marés vivas, hircosas,
Negro e pútrido lodo removeram.*

*Os velhos rancores emudeceram
E as arrogantes raivas escabrosas
Outrora incontrolláveis, clamorosas,
De tanto intrigante furor morreram.*

*Meu barco baloiça em rio frio,
De horizonte nublado e fugidio.
Vazio é a deliciosa fonte.*

*Em letargia não choro nem rio.
Cautelosamente acendo o pavio
Da vela que me servirá de ponte.”*

3. A GUARDADORA DO TESOURO E A VARA-DE-OURO (1998)

Terminado em Setúbal no Equinócio da primavera de 1996, dedicado à mãe e à filha, foi publicado em 1998, o livro é uma obra de memórias, enriquecido com velhas fotografias de família e de paisagens deslumbrantes.

“A autora lança um olhar nostálgico e fascinante sobre a sua infância vivida no microcosmo da ilha do Faial. São memórias (autobiográficas) de sonhos e sortilégios, de medos e angústias, de aventuras e desventuras, que surgem do fundo dos tempos como uma aparição de ternura e felicidade dessa infância enquanto paraíso perdido.”¹⁰⁷ As memórias de uma vida, vivida com intensidade, delicadeza e paixão.

O livro é um percurso, uma viagem que vem do fundo dos tempos, tempos de sacrifícios, privações, alegrias e dores, até a um presente tranquilo e sereno, onde se percebe a sabedoria do magno professor Agostinho, evocado desde a parte inferior da página reservada à dedicatória: “*Dará Portugal ao mundo/ em céu de amor e de espanto /seu Império do Divino/ Divino Espírito Santo.*”¹⁰⁸. A autora termina a sua obra prestando uma sentida homenagem ao sotaque e à

¹⁰⁷ Victor Rui Soares. Texto apresentado na contracapa de *A guardadora do tesouro e a Vara-de-ouro* (1998)

¹⁰⁸ Agostinho da Silva. Quadras inéditas, Ulmeiro

ímpar filosofia alentejana que se confronta com um real que nunca é definitivo e que se vai construindo, com ternura, amor e paciência, no respeito pela natureza e pelas secretas leis do Universo: “Ela pedia-me para não falar à açoriana. Eu retorquia com um sorriso de agrado pelo seu sotaque alentejano (...) Cantámos juntas uma canção alentejana: «Eu sou devedor à Terra/ A Terra me está devendo/ A Terra me pague em vida/ Que eu pago à Terra em morrendo.» (1998: 89)

O existencialismo próprio da cultura alentejana é, justamente, comparado com a velha sabedoria oriental:

“O bambu mantém-se ereto e não há ventos que o abatam nem forças que contrariem a sua harmonia. La Fontaine não se esqueceu de valorizar tamanha lição.¹⁰⁹

A autora relembra o poeta chinês, Lao-Tze, traduzido pelo amigo Agostinho: «o princípio do Tao é o que acontece por si mesmo»; «a quietude domina o movimento» (1998: 90) e termina referindo a linda história que relata a forma como um músico, ermita e sábio, conseguiu tocar uma harpa que um poderoso mago havia criado a partir de uma esplendorosa árvore por se ter sentido tão cativo da sua beleza:

“O imperador perguntou ao sábio músico: - Como puseste a tocar esta harpa com tanta felicidade, quando os melhores músicos da corte a experimentaram durante semanas sem nada conseguirem? – É simples, falei-lhe do seu vale, daquele que a viu nascer, da erva que crescia a seus pés, do chilrear dos pássaros seus amigos, da corrente de água que refrescava os seus pés no verão, da torrente de luar nos seus ramos...” (1998: 90, 91)

Um belíssimo poema antecede os doze capítulos da obra. Doze, tal como o número dos apóstolos, os meses do ano,... Afinal não será qualquer obra autobiográfica uma viagem no espaço e no tempo:

“Tranquila bolina a mãe-ilha no oceânico regaço.

¹⁰⁹ La Fontaine (1993) - Fábulas. Lisboa: Minerva, p. 110

*Dos seus seios eretos a ambrósia,
guardada outrora pelos deuses no
seu interior, jorra abundante e perfumada, alimentando os filhos
em horas de cansaço.
Cuidado, porém! Enfurecem-se-lhe
por vezes as entranhas!
Desse furor, o que perdura, no
entanto, é Beleza!”*

A obra enraíza-se num passado bem distante são quatro ou cinco gerações que são invocadas, a ilha e a sua história, ora sedutora, acolhedora e sensual, ora trágica, dramática e medonha. As idas e vindas, ao longo dos séculos, provocadas pelos caprichos da natureza são razão suficiente para invocar terras do Brasil, da América e do Canadá. Mas é à Serra-Mãe, a mística Arrábida que a autora dedica o seu penúltimo capítulo. O regresso à ilha faz-se com o Alentejo no coração.

Cada um dos doze capítulos possui um título latino e a sua tradução, dando a obra a estrutura e dignidade das obras clássicas. Percebemos que estamos perante uma espécie de epopeia dos simples em que o maravilhoso cristão convive com o imaginário pagão. Os pobres e os simples elevam-se ao nível dos heróis. As narrativas, meio históricas, meio lendárias, contam uma gesta, a gesta de um clã, um clã que cruza os mares, que enfrenta monstros medonhos, assim como a ira ou a benevolência dos elementos e dos deuses.

I. INSULA:GNATA VENUSTISSIMAE INSULAE

Ilha: nascida da graciosíssima ilha (1998: 9)

Este primeiro capítulo é dedicado às origens, às raízes, às gerações mais próximas:

“Sempre que volto a este lugar onde nasci, recordo inefáveis histórias vividas e ouvidas dos nossos antepassados. (...) Cinco quilos e tal pesava o teu tio quando nasceu, um moço de cabelo tão loiro que mais parecia um nórdico puro que um filho de tão misturadas raças. Nesse caldo multicolor é farta a

gente da ilha, sobretudo em sangue flamengo e árabe. (...) No meio das dores do parto, a tua avó lembrara a sua mãe, na mesma altura também grávida do seu décimo segundo filho.” (1998: 9)

II. MONS FLAMMAS ERUCTANS

Monte vomitando chamas (1998: 33)

O capítulo recorda a coragem e a bravura dos antepassados, das gerações que enfrentaram os tremores de terra, a ira do vulcão e os perigos do mar:

“Foi entre 1671 e 1672. Os tremores de terra começaram a 20 de setembro – mês propício a desgraças – e as freguesias mais afetadas foram a Praia do Norte e o Capelo. A Ribeira Brava, hoje Ribeira do Cabo, ficou toda destruída até a Ermida da Nossa Senhora da Esperança. A nossa família a partir de fevereiro, teve que se refugiar numa barraca construída em palha. Era impossível alguém do Capelo manter-se em casa. Os abalos eram cada vez mais fortes. (...) O Capitão-mor Jorge Goulart Pimentel veio até cá numa romagem, implorando ao Divino Espírito Santo que afogentasse aquele dragão devastador e infernal. E não é que o fogo parou antes de alcançar as vinhas?! «Milagre», gritaram todos, «Foi o Espírito Santo!» O referido Capitão-mor acabou por sustentar durante dois dias duzentas pessoas pobres que depois foram enviadas para o Brasil. O bezerro que iria servir de alimento no bodo do próximo domingo do Espírito Santo foi ladeado de lava e ficou intacto.” (1998: 34)

Recorda-se uma visita do rei Dom Carlos e da rainha Dona Amélia e um ramo de flores oferecido por uma menina desdentada de seis anos ao Presidente da República Craveiro Lopes que prometera ao povo uma escola que só fora construída trinta anos depois, quando já não existiam crianças suficientes para a encher.

III. CAELUM MUTARE

Mudar o céu (1998: 41)

Volta-se a falar dos duzentos do Capelo e da Praia do Norte que foram enviados para o Brasil e que se terão instalado na ilha de Santa Catarina, onde se terão miscigenado com outros grupos étnicos, eventualmente africanos e, com toda a certeza, tupis-guaranis: *“Entre eles, contavam-se três irmãos da Praia do Norte, O Lourenço, o Francisco e o Leonel, uma família com mistura de Dutra e Vargas. Um deles é teu avô para trás de trisavô.” (1998: 41)* Leonel casou e teve filhos, Getúlio Vargas é seu descendente, sangue do seu sangue. A sorte não bateu à porta dos dois outros: *“Lourenço tinha deixado o coração preso a uma jovem da Praia do Norte.” (1998: 48)* E regressou com a uma caixa de Pandora nas mãos para oferecer à sua amada, o que não os impediu de terem uma menina e serem felizes. O outro, teve um triste destino: *“Instalou-se na Horta. Os tostões que tinha acumulado, depressa os gastou com as raparigas da má-vida. Não fosse o Leonel do Brasil a sustentar-lhe a velhice, teria morrido como um cão abandonado.” (1998: 44)*

IV. AVI MATERNI

Avós maternos (1998: 45)

Depois da erupção do vulcão dos Capelinhos os bisavós maternos foram para terras do Canadá, terras às quais nunca se adaptaram:

“A saudade da Praia do Norte era tão intensa que acabaram por voltar, embora já sem a casa da Passagem onde todos os filhos nasceram.” (ibidem)

V. GRANATA

Abundante em grãos (1998: 47)

A infância da narradora é evocada por uma certa saturação em relação à escola: *“Andava farta da escola. Já sabia tudo da terceira classe mas não podia passar para a quarta por falta de idade.” (ibidem)* A memória do modo como a burguesia ignorante sabe humilhar as crianças do povo pelas suas formas de falar e como as humilhações podem ser sérios motivos para desenvolver o espírito da pesquisa e da investigação:

“ – Olhe como ela fala! «botei»! A forma correta é «deitei»! Senti-me tão mal, tão sem defesas, tão magoada com aquele comentário! Nada respondi mas nunca desisti da investigação, (...) Uns anos depois ensinaram-me que era o povo que fazia a língua. (ibidem) Os cheiros da infância não se esquecem: “O cocoruto era habitado por vacas mirando a senda do infinito e perfumando a terra de bosta com cheiro a mantraste, aroma mais harmonioso que o de bergamota, tarragon, ormanthus, rosa, jasmim, ylangue, junquilha e acordes de pêsego.” (1998: 49); “Quando penso nela, cheiro o frango com debulho de linguça e pão, e peixe assado no forno de lenha com sabor a cominhos, vejo bonecos de bolacha que com a doçura nos fazia, saboreio as maçãs azedas com perfume adamascado, raiadas de vermelho (...) (1998: 51, 52)

VI. CARPE DIEM

Aproveita o dia (1998: 53)

“Todos na nossa família e cada um à sua maneira procurava sistematicamente o prazer.” (ibidem) O desporto, a música, o canto e dança são lembrados com quadras e versos populares: “Havia também serenatas!” (1998: 54)

VII. FURNUS

Forno (1998: 57)

Se o olfato prevalece em “Granata”, com as lembranças dos cheiros dos frutos e das flores; a audição permite gozos supremos em “Carpe Diem” com as felizes memórias dos divertimentos musicais e em “Furnus” aconchegamo-nos com o calor das brasas e o prazer alimentício metafórico do espaço simultaneamente social e uterino por excelência. “O forno da casa Silva fornecia à família um dos maiores e úteis atrativo.” (1998: 57); “Um senhor que lá trabalhava e dormia sem ganhar nada, pegava numa brasa na mão e levava-a ao cigarro para o acender, tal como na magia primitiva e no xamanismo em que o homem-medicina podia tocar nas brasas e produzir calor no próprio corpo de tal modo que não sentia frio.” (1998: 57, 58)

VIII. TERRAE MOTUS

Tremor de terra (1998: 59)

“A um tremor de terra seguia-se outro e outro. Três dias e três noites sem quase parar Mais de duzentos sismos registados! Todas as pessoas estavam assustadas com aquele estremecer súbito e intenso como se Posídon tivesse decidido bater insistentemente com o seu tridente no fundo do mar. E quando um deus se zanga, é mesmo de temer!” (ibidem)

O vulcão dos Capelinhos deixou uma marca indelével em todos os que o viveram. Sentimentos contraditórios provocados pelo belo horrível, pela raiva incontida e desmesurada daquela que nos acostumamos a venerar como mãe ternurenta e providencial: “Trinta e cinco anos depois, cantei este espetáculo de beleza e horror:

*Vulcano acordou irado
Revoltoso decidiu,
Com um rangido malvado,
Dar à terra longo estio.*

*Seus urros eram tão fortes
Tão horrendos seus tremores,
Que em agoirentas sortes
Vestiu a noite de horrores.*

*Homens mulheres e crianças
Quedavam-se com a dor;
Bradando aos céus alianças,
Implorando o Redentor.
(...)
E Vulcano deliciado
Com sua obra de fulgor
Vomitava aliviado
Regalado com o esplendor:*

*Mas o povo sábio e manso
Não se deixou perturbar,
Fazendo, em seu descanso,
Serenatas ao luar.” (1998: 68-69)*

IX. ASCENSUS ARDUUS

Subida árdua (1998: 73)

Depois da tormenta a bonança, a reconciliação, volta a ternura, a calma, a fresca beleza da Natureza que convida ao amor: “*A Praia do Norte ao fundo era um presépio de frescura e brancura recomposto depois do vulcão dos Capelinhos. Os campos até os cedros ostentavam os matizes de verde e azuis. Manchas brancas e pretas das vacas pintalgavam a lasciva, licenciosa e vicejante paisagem. Perante tal beleza, unimos os corpos o mais que pudemos satisfeitos e agradecidos em simbiose com a Natureza.*” (1998:74)

X. SOLUTIO

Dissolução (1998: 75)

A narradora regressa à infância para revelar-nos um pouco mais da sua cosmo vidência, da sua religião, da sua fé:

“Foi na Igreja do Capelo, no mês de outubro, que me batizaram. Consta que chorei quando o padre me pôs o sal na boca e me deitou água sobre a cabeça. Orgulho-me de ter reagido de forma tão saudável ao desagradável da situação. Já não tiveste a sorte de provar este salso sabor. Deixa lá, cada um se batiza naquilo que quer. Quis deixar-te a liberdade de o fazeres se o desejares, embora me basta saber-te batizada na religião da Natureza que era sagrada e da qual a humanidade se desviou e aniquilou principalmente nesta época dominada pelo homo mechanicus. A ela temos que voltar, respeitando a vida em todas as suas manifestações.” (ibidem)

XI. “LACRIMAE, SUSPIRIA ET CACHINNOS COMMOVERE.

Lágrimas, suspiros e gargalhadas eram as três formas pelas quais as três mulheres que viviam na casa da minha infância se exprimiam.” (1998: 76) Numa estrutura social agressivamente patriarcal, a mãe e a irmã do pai mandam e a mulher do pai chora, suspira e obedece: “*As gargalhadas eram a manifestação mais ruidosa e estridente da emoção na casa das Silvas. Eram a expressão do estilhaçar da torre do ser em calhaus rolantes e lustrosos de desafio ao medo do incognoscível.*” (1998: 77)

XII. “BALNEUM AB IRATO.

O que caracteriza a juventude bem formada sempre foi o idealismo, a generosidade, o gosto intransigente pela justiça, a revolta que até pode levar a querer fazer justiça pelas próprias mãos:

“Estava no sexto ano do Liceu. Terminou o primeiro período, no final de 1965. Fui ver as notas à pauta e o que vejo? Um dez a Português quando só tinha tido bons nos testes. Apoderou-se de mim uma tão grande fúria daquelas que nos fazem espumar de raiva ou desejar matar.” (1998: 77)

XIII. “DIVINA LEVATIO

Para as mulheres, a revolução das mentalidades não apenas lhes deu ou lhes devolveu a voz, como lhes devolveu o corpo, o prazer e a iniciativa. A escrita, mais do que caracteristicamente feminina, torna-se expressão do desejo e do prazer, potente e poderosa, sensual e sexualmente assexuada:

“Á medida que o texto adquire uma certa potência deixa de ser característico de homem ou de mulher. (...) Eu própria vou sentindo uma parte neutra do meu ser – a terra prometida da força, e a terra de ninguém do sexo.”¹¹⁰

“A piscina natural do Varadouro foi se esvaziando aos poucos. Todos recolhiam aos abrigos noturnos. Só eu permanecia naquele lago salgado e morno, incapaz de abandonar tão delicioso manjar. Ele permanecia só encostado às pedras negras crespadas da beira-mar, indiferente ou recolhido

¹¹⁰ Maria Gabriela Llansol. – Um falcão no punho cit. Por Lima, Isabel Pires de (coord.) (2001) – Vozes e Olhares no feminino.

quicá no sossego que o momento nos dava. Cobria-nos um cheiro a iodo adocicado e a pele beijada por Zéfiro teimava em secar, cheia de ondas de sal. Como se um anjo nos sobrevoasse, ele olhou-me nos olhos, retirei subtilmente o fato que pus em cima de uma pedra do lado oeste da piscina, pois assim aproveitava para dizer adeus ao astro luminoso que se aproximava do tálamo e descobrir Vesper. Chamei-o com um aceno de cabeça. Ele acedeu. Retirou as roupas e, liberto, deixou-se deslizar pelos cantos daquele útero terreno-marinho.” (1998: 78, 79)

XIV. “MARE

É o mar que desafia a imaginação, é o mar que convida para o desconhecido é o mar que nos trás o mundo e que nos aproxima dos outros. Alimenta-nos e de nós se alimenta: *“Sempre a ver o mar passei a maior parte da vida. Embalou-me a infância e alargou os horizontes da minha imaginação. Ao contemplá-lo, tinha a certeza que o mundo era imenso de fantasia.” (1998: 80).*

Navios, iates e barcos de pesca trazem outras gentes, outras histórias, a oportunidade de uma dança, de aprender e praticar línguas, de relembrar Moby Dick e o Capitão Gancho:

“Quando era pequena, segredava ao mar mensagens que imaginava iriam ter a ignotos sítios. Na minha cabeça passavam pessoas e circunstâncias, histórias verdadeiramente de encantar, exorbitantes de sonho.” (1998: 82)

XV. “RIVULI

No inverno, as chuvas renovam os seres e a natureza sedenta que, com avidez, se deixa fecundar. A imaginação erótica atinge o seu aos e a alma delira: *“Na minha cabeça imaginava Eros nascendo na água do Ganges, fruto do esperma de Shiva, depois do protesto dos outros deuses por ele não fazer outra coisa a não ser foder com a Parvati. (1998: 83)*

XVI. VENI CREATOR SPIRITUS

VINDE ESPÍRITO CRIADOR (1998: 85)

No dia de Pentecostes, sobe-se à Serra-mãe, à frente vai a bandeira vermelha com a pomba branca, leva-se um amigo, partilha-se pão água e vinho. Visita-se a cela de Frei Agostinho, e na lapa de Santa Margarida, acende-se velas sobre os rochedos e coroa-se as crianças com coroas de mirto. Canta-se hinos ao Menino Imperador, a criança eterna que vive em cada um de nós e dá-se voz à poesia, invoca-se os poetas, os santos e os sonhadores:

“ «Os amigos da terra». «Os amigos de Alex» ... Quantas siglas à volta da amizade! Pois os amigos do Agostinho, um geronte sábio, também começaram a encontrar-se. E a trazer «outro amigo também», pois quantos mais melhor.

O Zeca já tinha praticado na cidade sadina (a «sem muros nem ameias» com «gente igual por dentro e por fora»?), e o Espírito Santo é para todos. Era o dia de Pentecostes de 1991. Tu andavas longe...” (ibidem)

XVII. INSULA ITERUM

De novo a ilha (1998: 89)

De volta à ilha, mãe e filha seguem de mãos dadas a José Eduardo. A calma, a serenidade restabelecida, mãe e filha conversam amigavelmente, fala-se dos sotaques das diferentes ilhas e do sotaque alentejano. José ouve em silêncio José nada diz: *“Seguimos de mãos dadas ao José Eduardo, uma do lado esquerdo, outra do direito, num gesto de proteção e afeto.” (ibidem)*

XVIII. CORAÇÃO DO MAR (2006)

“Coração de mar” é uma semente que sai para o mar através do Mississípi, a autora, por razões ficcionais fá-la sair do rio Amazonas. Pode flutuar durante dois anos antes de chegar às praias dos Açores. Feijão do mar ou fava do mar são os nomes que o povo açoriano lhe dá. Na obra de Maria Eduarda, a semente é portadora de uma mensagem. Passa pelo mar das caraíbas, pelo mar dos Sargaços, fala com tubarões, enguias, atuns, cagarros... Mergulha no fundo do mar onde se confronta com a velha e lendária atlântida. Trata-se de uma obra para jovens, pelo tom, pelos ambientes, pelos temas, pelo imaginário, ora realista ora maravilhoso. Trata-se de uma obra recheada de exotismos, saberes enciclopédicos e mistérios. O percurso realizado é uma viagem marítima, metáfora de uma iniciação.

O amor pela natureza e pelo planeta estão plasmados na semente com a forma de coração. A história-ficção está repleta de rigorosas informações científicas, e de rigorosas informações lendárias e históricas. O mesmo amor pelo saber, a mesma fé no destino, um mesmo rumar para o futuro, para uma era marcada pelo coração do mar, pelas assas do sonho, pelo espírito elemental, santo, que funde as almas de todos os seres vivos e de todos os elementos criados e não gerados.

A história começa como qualquer história sagrada. Mais do que para uma fábula, prepara-nos para uma parábola. Tem mais de mito ou de lenda do que de conto. A primeira página da obra, anterior à da dedicatória, tão simples e familiar: “À minha neta Beatriz”, e que relembra o ano do centenário do nascimento do Professor Agostinho da Silva e do quinto centenário da morte de Cristóvão Colombo (2006: 5), apresenta uma única citação: “O Ocidente está a perder os seus mitos” C. G. Jung.” Parábola pelas suas alusões religiosas: “Era o dia do Pescador, José e Maria passeavam-se no Porto Velho do Varadouro, baía acolhedora e guardadora de afetos, na ilha do Faial.” (2006: 9) Fábula porque a natureza possui uma alma. O mundo vegetal e animal expressam os seus sentimentos, contam a sua história, exibem e valorizam o dom da palavra: “- Não estou a perceber nada! A semente afinal fala?! (...) – Sou um feijão do mar e venho de muito longe – respondeu prontamente a semente, suspirando com um leve estremecer.” (2006: 11)

Os espaços referidos são bem reais, com uma descrição simultaneamente poética e realista:

“- Nasci no norte do Brasil na floresta da Amazónia. Cresci numa enorme vagem verdinha. Vivía muito feliz rodeada de animais simpáticos, tão simpáticos que nenhum me comeu. (...) A floresta da Amazónia estende-se pelos lados do rio Amazonas que tem um comprimento de mais de 6.000 km. É uma floresta tropical muito rica em árvores de folhagem persistente e raízes adventícias. É admirável a grande variedade de árvores, arbustos e fetos que há nela! Há trepadeiras que, com as suas lianas suspensas, atingem o cume das árvores e, na altura da florescência, a floresta parece um jardim suspenso. Nasci

numa dessas trepadeiras. Quando flor, já intuía o balancear do ritmo do universo. O saber estar. O respeitar a lei universal.” (2006: 11, 12)

As referências históricas são tão precisas quanto as referências espaciais e bem significativas do ponto de vista cultural: “ Vi à minha direita a cidade de Belém com tantas marcas dos portugueses que, sem querer, me lembrei do Jesuíta Padre António Vieira «o imperador da vossa língua» nascido há quase quatrocentos anos. Admiro-lhe aquele espírito protetor dos índios e denunciador dos colonos na sua relação escravizante com eles.” (2006: 14, 15); “Na ilha de S. Salvador, lembrei-me naturalmente de Cristóvão Colombo. Que emoção deve ter sentido quando avistou aquela ilha e a pisou pela primeira vez em 12 de outubro, há 514 anos!” (2006: 24) As referências ao maravilhoso pagão relembram-nos as mitologias das grandes epopeias:

“- Sou Téthys, mulher do Oceano. Venho vaticinar-te um bom futuro. Vais vaguear por esse mar fora. Vais sofrer algumas privações, mas vou fazer com que te recebam bem no sítio onde tiveres que ficar.” (2006: 17);

“Das profundezas ferventes do meu inconsciente fluíam imagens que eu agora visionava de lutas com dragões-baleias e autênticos monstros marinhos como o Adamastor, a comprovar que entre a res cogitans e a res extensa de Descartes há na verdade um lugar onde o mundo é representado. Sentia-me a tomar consciência desse reino intermediário, o do simbólico, ao mesmo tempo que me ia adaptando a uma nova situação da minha vida. Com mais lucidez, tentava arquitetar uma solução. Imaginava-me Pégaso subindo das águas para um céu de liberdade, voando com uma nuvem branca e veloz até ao paraíso. Também me imaginava uma sereia-peixe cantando ao polvo de modo a entontecê-lo magicamente.” (2006: 33)

A cultura popular irrompe a par da erudição: “Devia estar a uns 1000km da costa africana. A água era temperada. Até aqui não tinha sentido frio. Comecei a ouvir uns sons trinados num instrumento de cordas. Eram sons de bandolim. Vozes de crianças entoavam: «Deixa passar esta linda brincadeira» ...” (2006: 31); “Numa noite, olhei a Lua clara e redonda. Vi a sorrir e cantou-me: «Dorme, dorme, minha menina,/ Embalada pelo vento./ Sou uma lamparina/ Para te dar alimento.» (2006: 34)

A passagem pela baía de Guantánamo acorda, com bastante subtileza, alguns dos nossos maiores fantasmas, receios e vergonhas da nossa História contemporânea: *“Era assim um abrigo agitado, paradoxalmente inseguro onde nunca se sabe se vai haver um minuto de sossego.”* (2006: 18) O registo poético acompanha toda a obra, desde o seu início até ao seu fim, fazendo irrupções como vulcões imergindo do mar:

“Os azuis do céu clareavam o mar, ligeiramente agitado. As gaivotas brincavam pachorrentas, fazendo voos lentos por sobre os calhaus circundantes à praia. Praia? Uns restos de areia dos tempos do vulcão dos Capelinhos, quase a extinguirem-se. Aquele recanto de pedras roladas, muito bojudas tem um ar agreste. Aquele casal habitualmente dava uma volta por ali, não fosse a magia do mar deitar fora algum tesouro, uma pedrinha mais brilhante recheada de olivina ou um troncozinho de urze endurecido pelo sal e pelo sol.” (2006: 9);

A voz da lua era doce como o mel. Enquanto me preparava para dormir, pensava naquele sustento de luz. Que mais poderia pedir à vida? A corrente empurrava-me para sul. E eu pensava nas margens do coração. Sempre que abandonamos um lugar e nos estabelecemos noutro, o coração balança entre as memórias do lugar anterior e o presente. É um sentimento de saudade. No fundo, acho que retemos as vivências essenciais como se um fio de ouro corresse no meio de um rio. O rio somos nós. Sempre em mutação. O fio de ouro é o que se apura do todo vivido.” (2006: 34,35);

“Será que nos devemos contentar com a nossa sorte? Durante esta viagem tenho-me interrogado muito sobre esta questão. Haverá um destino cósmico? Será que me estava destinada esta demanda? Mas sigo em busca de que Graal perdido? Para onde me levam estas águas? Que fulgurações me poderão aclarar por dentro? – Perguntas às quais ninguém sabe responder – atestou Maria.” (2006: 45);

¹¹¹ Título de uma obra para jovens de Henrique Galvão, escrita em 1952, numa das piores prisões do regime fascista, o Aljube; trata-se de uma fábula tornada romance que denuncia o poder absoluto do ditador. Vagô é um belo exemplo de literatura comprometida, uma apaixonante história de um tigre

“Estava num salão aquático com portas escavadas em rochas repletas de corais: cogumelos gigantes, fusos amarelos que brilhavam como ouro e flores de cores garridas das quais se destacava o vermelho. As esponjas também davam uma tônica de antiguidade ao espaço. Havia mais do que um compartimento. As salas estavam atapetadas com algas que lhe davam um aveludado e um tom de verde-escuro de faia.” (2006: 53); *“José e Maria olharam-se em silêncio. Uma brisa doce marcava presença como ar sorridente, que, evoluindo-se levava consigo aquele sentimento triste e alegre, ampliando-o no Universo. Maria pensou: «Hei de guardar esta semente para um neto ou neta que a vida no futuro me há de dar.»”* (2006: 72)

XIX. PART & ILHA (2008)

Não fosse o conto *Vagas de lume* (2008: 41) que recorda a tragédia da guerra colonial e as heroicas operações Vagô¹¹¹, com o desvio de um avião que fazia a rota de Casablanca para Lisboa, e Dulcineia¹¹², com o assalto e ocupação do paquete Santa Maria, façanha protagonizada por vários resistentes portugueses e espanhóis, entre os quais Humberto Delgado, o General sem medo, e mais uma vez o intrépido Henrique Galvão; a obra seria, toda ela, uma homenagem à mulher. Oito contos que retratam a condição feminina. O real cruza-se com o maravilhoso, a dor e o sofrimento com o prazer e a sensualidade, o medo com a coragem, as pulsões individuais com as responsabilidades sociais, a solidariedade com a solidão, ... Histórias de hoje e do passado, sempre presentes, sempre adequadas, sempre pertinentes.

Maricota (2008: 7) conta a aparição de uma estranha mulher-sereia, com sotaque brasileiro, numa gruta a beira-mar: *“«Por favor, não me faz mal!», continuou a mulher a tremer, com os olhos escuros a saírem da toca original.”* (2008: 8) António Baleeiro, estava só e, estupefacto, não resistiu à curiosidade de saber a sua origem e como viera ali parar. Como vivia só recolheu-a, e fez dela a sua mulher: *“Os dias foram passando e no colchão fofo de palha, o corpo de*

heroico que resiste no seu território à opressão da fome da seca e do homem. A obra retrata a sociedade totalitária e os seus mecanismos de opressão. Era o sol de Abril a querer raiar.

¹¹² Nome do idealizado amor de Dom Quixote, obra do magno autor castelhano, Miguel de Cervantes.

Antônio foi-se habituando ao corpo quente e sensual da mulher. Afinal na Bíblia estava escrito que o homem não se quer só.” (2008: 17).

Mariana - O desejo de raiz (1998: 19)

Mariana é uma órfã cuja mãe, Amélia, ignobilmente violada pelo patrão morrera três dias depois de a confiar à roda dos enjeitados: “*«Anda cá Amélia, não te esquivas!» sussurrara D. Januário, de olhar guloso sobre aquela moça, parida na Ilha, cheia de energia, salivando como seja saboreasse a presa, no meio das árvores do quintal.*” Protegida por Aurora, acabará por ir viver para Lisboa onde se tornou operária numa multinacional, onde se casou e tivera um filho. Mariana nunca esquecera as suas raízes. Sabia que o pai morrera velho e que o irmão se tinha formado em Coimbra. Sentiu a necessidade de regressar às origens para fazer contas com o passado mas, junto da campã do pai, não sentira nem ódio, nem amor, apenas indiferença.

A Matriarca, Marisa e Marilua (1998: 31)

Marilua era filha de Marisa e de Manuel que se haviam apaixonado e tido aquela filha antes de ele ir para a tropa. De regresso tiveram mais dois filhos mas a bebida tomou conta de Manuel, de forma que o transformara num homem mau e violento. Marisa apaixonara-se por um outro homem mas a mãe, guardiã da vela ordem social, decidiu tirar os netos à filha. “*A vossa mãe é uma puta*” (2008: 34) Marisa passou a vida a tentar contactar com os filhos. A matriarca passou a vida a escondê-los e a difamar a filha junto dos netos para sua proteção. Um dia Marilua recebeu uma carta de Carnaxide de que se transcreve aqui o terceiro parágrafo: “*Tua mãe passou a vida suspirando por se encontrar contigo. Morreu com muita pena que isso não tivesse acontecido. Antes de morrer, deu-me este caderno e pediu-me para to enviar quando soubesse onde estavas. Ficou aqui sepultada.*” (2008: 39)

*Visitação (1998: 53)*¹¹³

“*Não fora há um século e meio a dádiva do Cônsul Dabney, contava minha bisavó, e teríamos morrido todos à fome. Parece que esta terra está condenada a marcos tenebrosos que a agitam ciclicamente de modo a alterar-lhe o vestuário e até as entranhas. Arrebatadoras vergastadas da natureza! Assim foi com a*

febre paratifoide daí a meio século: ia deixando a terra sem gente! E meio século depois, veio um vulcão lançar a sua raiva sobre estes campos e sobre nós. Até me arrepio quando lembro aqueles tempos! O medo que senti encerrei-o na caixa de Pandora bem juntinho da esperança mal subi as escadas do avião que nos levou para os Estados Unidos da América.” (2008: 53)

O conto começa com uma grata recordação e sentida homenagem a família Dabney que espalhou pela ilha bem-estar, humanismo e solidariedade. A narradora, emigrante em Rhode Island, agora reformada, voltou às origens para matar saudades com uma tia que decidiu ficar. Mais uma vez, assiste-se a um exercício de memória que atira-nos para uma infância repleta de alegrias e de sofrimentos: “*E naquele dia em que fizeste a comunhão solene e o vestido ficou todo sujo de areia do vulcão.*” (2008: 54). É precisamente um passeio a pé até ao vulcão que lhe vai avivar ainda mais a memória: “*A desgraça maior aconteceu quando eu tinha 12 anos. Foi o Luizinho a vítima, antes mesmo de enfrentar a baleia. Dia 4 de março. O mar estava tão enraivecido, tão transtornado que amaldiçoava quem se atrevesse a desafia-lo. O Luisinho afoitou-se e o mar esfacelou-o de encontro às rochas. Havia gritos de desespero, lancinantes como as sete espadas cravadas no coração da Senhora da Igreja da Praia do Norte.*” (2008: 61)

Bernarda - A peregrinação do mistério (1998: 69) Bernarda é uma gatinha que nasceu de uma ninhada de seis nomeio do bucólico vale dos flamengos. O conto inicia com o encanto inicial de todo o que é pequeno:

“I. O encanto do início” (1998: 69) e continua com o triste desfecho que constitui o abandono dos pequenos seres que a pobreza não pode alimentar: “

II. Dona do seu destino (1998: 73). *Bernarda, agarrou no seu destino com garras e dentes e lá se conseguiu orientar até encontrar dois pequenos templos, um era um Império do Espírito Santo, o outro era uma ermida dedicada a Santo Amaro, padroeiro dos naufragos. Precisamente no lugar em que Quitéria foi assolada pelo remorso: “*

¹¹³ 2ª edição; 1ª edição: in Contos, Vulcão dos Capelinhos, Faialentejo, 2002.

III. O Remorso (1998: 76) - *Naufração era o que se podia dizer do estado de espírito de Quitéria que, umas horas antes também passara pelo mesmo sítio. Ao olhar para o Império do Espírito Santo lembra-se da verdadeira mensagem bem portuguesa: comida para todos. Nas sopas do Espírito Santo nem os animais eram esquecidos. E ao pensar em Santo Amaro sentiu um tremendo remorso do que acabara de fazer.*” (ibidem) A fábula termina com os conselhos de um rato e o recomeço de uma vida que pregue sob o signo do maravilhoso que tantas vezes se torna real pela forças misteriosas da mãe natureza que também sabe operar os seus milagres: “

IV. Recomeço (1998: 79) *Mas do que ninguém esperava era que Bernarda sem gravidez se tivesse instalado também na casota a amamentar os filhos das outras gatas. «Será possível Bernarda ter criado leite sem gravidez?» - perguntei a um médico. «Sim», foi a resposta. Só vendo para crer!*” (2008: 86)

Aprender a ajudar a parir (1998: 87) e Natal solitário, Natal solidário (1998: 101)¹¹⁴

“*Todo o começo é difícil. Mas o sábio povo costuma dizer que o que custa é começar.*” (ibidem)

Os dois últimos contos retratam o dia-a-dia da mulher contemporânea. O primeiro revela-nos os pensamentos de uma professora - escritora, quase desiludida pelas atitudes dos seus alunos que, com ar sempre enojado, não mostram qualquer interesse pela sua língua, pela sua cultura pelos livros, em suma, pelo humanismo e pelo ser.

Cruzam-se pesadelos com sonhos e antigas experiências gratificantes: a mulher que não sabe como ajudar a parir aquela criança que, do signo dos Peixes, conquistará o Reino do Amor; a semente que volta à terra para germinar, o fruto que depende da qualidade da terra; o passeio pela Arrábida com alunos que se deixam apaixonar pelas elegias de Frei Agostinho da Cruz; a exposição do brinquedo da criança africana organizada pela OIKOS, a prodigiosa criatividade que sublima os desperdícios tornando-os arte e prazer; o dia do livro infantil que

conseguiu conquistar mais um leitor. Aquele leitor pelo qual tudo terá valido a pena, tudo vale a pena.

Afinal, talvez o mais difícil não seja começar mas: “*Aceitar que não se pode forçar a aprender quem não quer, (...)*” (2008: 99).

O último conto relata o desespero de uma mulher que, após ter esperado na estação da Rodoviária de Setúbal pela filha para, com ela, poder passar a noite de Natal, vê a filha se afastar, no preciso momento do início da consoada, para, com o pai, ir passar o Natal com a numerosa família que vive em Lisboa: “*Queres ir com o pai para casa dos tios? A filha sem hesitar disse que sim. A mãe gelada, recolheu uma lágrima e ficou silenciosa.*” (2008: 104)

4. BIBLIOGRAFIA

- ALLEAU, R. (1989) – *La Science des Symboles*. Paris, ed. Payot.
- APULEIO (1978) – O Burro de ouro. Editorial Estampa.
- BACHELARD, Gaston (1957) - *La poétique de l'espace*. Presses Universitaires de France.
- BAUDELAIRE (1968) – Oeuvres complètes. Paris Editions Seuil.
- BRAGA, Teófilo (1973) La Fontaine – Fábulas. Lisboa: Minerva.
- BRUNEL, Pierre (dir.) (1988) – Dictionnaire des Mythes Littéraires. Éditions du Rocher Jean-Paul Bertrand.
- CAMÕES, Luís de (1973) – Lírica. Lisboa: Círculo de Leitores.
- CARVALHO, Ruy Galvão de (1979) - *Antologia Poética dos Açores*. vol. II. Angra do Heroísmo. Secretariado Regional da Educação e Cultura.
- CASTRO, Orlando (1995) – Açores Realidades Vulcânicas. Porto.
- CENTENO, Yvette e FREITAS, de Lima (Coordenação) (1991) - *Espaço – Cidades, Ilhas, Jardins*. Lisboa, Editorial Estampa.
- CHEVALIER Jean, GHEERBRANT, Alain (1982) – *Dicionário dos Símbolos*. Editorial Teorema.
- ELIADE, Mircea (1963) – *Aspetos do Mito*. Edições 70.
- ELIADE, Mircea (1977) – *Tratado de História das Religiões*. Lisboa, Edições Cosmos.
- FREITAS, Vamberto (s.d.) – *O Imaginário dos Escritores Açorianos*. Edições Salamandra.
- HAMILTON, Edith (1983) – *A Mitologia*. 3.ª Ed. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- HUYGHE, René (1960) *L'Art et L'Âme*. Paris: Flammarion.
- JUNG, Carl G. (1964) – *O Homem e seus Símbolos*. Editora Nova Fronteira.
- LIMA, Isabel Pires de (2001) – *Vozes e Olhares*. Edições Afrontamento.
- MOUTINHO, Viale (org.) (1975) – *O Amor na poesia Portuguesa*. Porto.

¹¹⁴ 1ª Publicação em “Tribuna das Ilhas” (24/31 dezembro de 2004).

- NOLDING, Marta (1997) – Influência Gnóstica na literatura Portuguesa. Lisboa: Fundação Lusíada.
- OVIDE (1966) Les Métamorphoses. Paris.
- PAVÃO, J. Almeida (1988) – *Constantes de Insularidade numa definição de Literatura Açoriana* in: Conhecimento dos Açores Através da Literatura. IX Semana de estudos dos Açores. Angra do Heroísmo. Instituto Açoriano de Cultura.
- PESSOA Fernando (1981) – Obra Poética – volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- PESSOA Fernando (1986) – Obra em Prosa de Fernando Pessoa. Portugal, Sebastianismo e Quinto Império. Publicações Europa América.
- PIMENTEL, Fernando Vieira (1988) – “A ilha e o Mundo” de Pedro da Silveira: *Vontade e destino* in: Conhecimento dos Açores Através da Literatura. IX Semana de estudos dos Açores. Angra do Heroísmo. Instituto Açoriano de Cultura.
- PLATÃO (1950) – *Œuvres complètes II* – traduction nouvelle et notes par Léon Robin. Éditions Gallimard.
- RÉGIO, José (1993) – O Príncipe com Orelhas de Burro. Lisboa: Círculo de Leitores.
- ROSA, Maria Eduarda Faria (1994?) – Os trabalhos de Psique. Edição da autora.
- ROSA, Maria Eduarda Faria (1998) – A Guardadora do Tesouro e a Vara-de-Ouro. Angra do Heroísmo: BLU edições.
- ROSA, Maria Eduarda Faria (1998) – Part & ilha. Horta: FaiAlentejo.
- ROSA, Maria Eduarda Faria (2006) – Coração do Mar. Horta: FaiAlentejo.
- ROSA, Maria Eduarda Faria e Al-Zéi (Investigação, pesquisa e recolha) (2001) – Capelo. Horta: FaiAlentejo.
- ROSA, Maria Eduarda Faria et alii (2002) – Vulcão dos Capelinhos. Contos. Horta: FaiAlentejo.
- SANTOS, Luís Carlos dos (1996) – Do Convento. Livraria Uni Verso Editora.
- SILVA, Agostinho de (1996) – Reflexão. Lisboa: Guimarães.
- SILVEIRA, Pedro da (1977) – *Antologia de Poesia Açoriana – do século XVIII a 1975*. Lisboa, Sá da Costa.
- VIANA, Mário Gonçalves (Ensaio preambular e org.) (s.d.) – O amor na Literatura Portuguesa. Porto: Domingos Barreira.

16. MARIA DOVIGO, ACADÉMICA CORRESPONDENTE DA AGLP, GALIZA

[Maria Dovigo: «Temos de quebrar a dualidade entre a língua da natureza e a língua da civilização, ideia que orienta o 'decreto do plurilinguismo'»](#)

«Tive a sorte de ser aluna de António Gil Hernández, cujo magistério tanto me marcou». <http://pplingua.org/agal/agal-hoje/2845-maria-dovigo-temos-de-quebrar-a-dualidade-entre-a-lingua-da-natureza-e-a-lingua-da-civilizacao-ideia-que-orienta-o-decreto-do-plurilinguismo> Segunda, 27 Setembro 2010 09:04

PGL - Maria Seoane Dovigo é uma corunhesa a residir no Portimão onde descobriu África. É embaixadora do Algarve na Galiza e da Galiza no Algarve. Sendo criança achava que elas falavam em castelhano e os adultos em galego e quando cresceu, isso viu-se a corroborar.

PGL: Maria Seoane Dovigo nasceu, curiosamente na Corunha. No entanto, o teu apelido não é o que parece, não é?

Maria Dovigo: Pois não. Parece "do Vigo", mas não é. Só descobrimos a origem do nosso apelido através do facebook. Uma prima minha contactou com um Dovigo apaixonado pela genealogia que tinha feito a nossa árvore até 1550. Soubemos por ele que procedemos duma família sefardita que fugiu da sua Sefarad depois do decreto de expulsão dos judeus dos Reis Católicos e se assentou na República de Veneza, onde havia liberdade de cultos. O étimo do apelido é Ludovico. O engraçado é que com estas pesquisas também encontramos um outro apelido dos catalogados como de "judeu-conversos".

PGL: Sendo teus pais galeguistas educaram-te em castelhano. Por quê?

MD: Para me proteger. Não se pode explicar sem contextualizá-lo no tempo e no lugar em que os meus pais e eu nascemos: eles durante a Guerra Civil, eu, uns anos antes da morte de Franco e todos na Corunha.

A minha mãe foi muito castigada na escola por falar na língua da sua mãe e sempre perguntava por quê. A única resposta era: "Tienes que hablar bien". Nunca perdoou que lhe sujassem a sua inocência de criança obrigando-a a cantar o "Cara el sol" todas as manhãs, nem que lhe roubassem o conhecimento do seu próprio país. A família de meu pai tem suficientes feridas da repressão franquista sobre as quais já nem falo: não são difíceis de imaginar. Pelos anos em que eu comecei a frequentar a escola, que tinha um professorado que não ocultava o seu franquismo, a minha mãe sabia que eu iria ser discriminada, e muito, se falasse em galego e não quis que passasse por essa experiência. Nunca saberei se a história seria diferente se tivesse nascido dez ou mesmo cinco anos mais tarde. Na escola não havia rasto de galego para além das palavras que os alunos dizíamos nas nossas frases (todos éramos filhos de pais galego-falantes).

E a Galiza era só o nome duma região com quatro províncias entre as muitas outras que repetíamos diariamente com o ponteiro da professora sobre o mapa de Espanha. Nada mudou até 1982, quando recebemos o nosso primeiro professor de galego (passados os anos e sabendo como era a minha escola, pergunto-me o que é que ele não terá passado na altura).